

# Síntese : das : Revistas

## ARTE

REVUE DE PARIS — n.º 5 — 46.º ano — Picasso expôs (Galeria Paul Rosenberg) obras pintadas de 1936 a 1938 que são sobretudo naturezas mortas de pequenas dimensões, em que a forma dos objectos apenas é «revista» pelo pintor, em que os tons são reunidos com uma segurança e um gôsto seductores. Êste episódio duma carreira tão sobrecarregada não justifica mais uma discussão estética; de certo, a ocasião voltará a aparecer. Mas talvez não seja mau lembrar aqui o interesse que apresenta, para a história da arte, a obra de Picasso, caso quási único. Para falar dêle, teem-se acumulado a fórmulas idolatras e as injúrias que, coisa curiosa, são por vezes empregadas, sucessivamente, pelos mesmos escritores... O escândalo ou o milagre Picasso não são simplesmente explicáveis. Não é êle inspirado pela especulação? Mas não se veria porque é que o artista, dez vezes seguro dum sólido público de amadores, continuaria a renovar-se constantemente, o que, sabe-se, não é feito para reter uma clientela. O seu successo é sòmente o efeito do snobismo? Mas então, como explicar a atracção exercida por esta obra sôbre um público tão variado como constante, estas centenas de visitantes quotidianos, gente de sociedade, estudantes, tanto estrangeiros como pintores e burgueses franceses de todas as condições? Eis o que seria necessário tentar explicar. Vejo que André Villeboeuf encontra em Picasso a imitação directa de dez mestres de outrora, que êle cita. Nêste caso, a adoração do público teria uma outra razão: folhearia Picasso como uma antologia. Esta explicação deveria ser precisada. Mas seria suficiente?

PIERRE D'ESPEZEL.

THE STUDIO — Dec. 938 — Um século de arte canadiana. — GRAHAM McINNES. — «...o crescimento e desenvolvimento da arte nos países novos, apenas podem ser

apreciados se tomarmos em linha de conta a questão duma consciência nacional. Êste é, em particular, o caso do Canadá.

«Os artistas canadianos, embora sejam herdeiros da grande tradição e de todas as descobertas dos mestres, necessitaram do estímulo do seu próprio ambiente antes de poderem produzir uma arte significativa. Mesmo no Velho-Mundo é preciso re-avaliar a tradição conforme a experiência pessoal, mas no Novo-Mundo temos de a re-avaliar em conformidade com o ambiente.

«*Novo material pede novos métodos, e novos métodos lançam um repto a velhas convenções*» (um do grupo dos Sete — 1919-1933). «Esta atitude pode conduzir, e conduz, a uma perspectiva dum certo nacionalismo romântico, mas põe fim à imitação estéril. Ao verem o Canadá atravez de olhos canadianos, os artistas começaram a produzir não só uma arte nativa, mas boa arte.

O artista canadiano, até um certo período, só teve interesse pelo assunto, pelo *o que é pintado*; daqui por diante preocupa-o *o como se pinta*. Surge a técnica, e da técnica, «um novo realismo no tratamento, e uma tendência para a síntese de representação e forma».

A exposição intitulada «Um Século de Arte Canadiana», que teve lugar ultimamente na «Tate Gallery» de Londres, mostra três bem marcadas divisões a que correspondem três períodos evolutivos: um primeiro período em que alguns pintores se destacam do tipo académico; um segundo período impressionista; e mais tarde «a descoberta do cenário canadiano... a reacção para o realismo e uma maior atenção para com as qualidades plásticas.»

Todos os artistas, porém, são dominados por um entusiasmo comum, pela «consciência duma nova terra, que tem de ser tratada de uma nova maneira.»

«A arte canadiana tem as suas limitações,